O FOLCLORE EM AIRES DA MATA E A SENSIBILIDADE ETNOGRÁFICA NO REGISTRO DOS VISSUNGOS

Luahara Beatriz Ouro de Souza[1]

Resumo: Aires da Mata Machado foi um importante estudioso e intelectual mineiro do século XX, tendo se consagrado na área folclórica a partir do seu registro sobre os Vissungos no território de São João da Chapada, Diamantina/MG. É através da ressignificação do domínio folclórico, o qual inclina-se ao sentido etnológico, que seu trabalho, e de diversos folcloristas brasileiros são possibilitados de realização concreta. Trabalhos estes fundamentados em métodos que permeiam não unicamente a área da razão, como também da sensibilidade, e que por fugir da noção do pensamento científico categórico, acaba por gerar diversas críticas e controvérsias diante do cenário intelectual brasileiro marcado entre os anos de 1920 aos 1960. Pretendo, através desta comunicação situar alguns dos acontecimentos que envolvem o Movimento Folclórico Brasileiro, destacando a exposição dos termos *Folclore*, *Sensibilidade* e *Trabalho de Campo* contextualizados no registro etnográfico sem perder de vista as motivações pessoais e acadêmicas de Aires da Mata para com os cantos Vissungos.

Palavras-chave: Vissungos, folclore, etnografia, sensibilidade, Aires da Mata

Introdução

O presente artigo busca refletir acerca de uma pesquisa em andamento intitulada "O Folclore em Aires da Mata e a sensibilidade etnográfica no Registro dos Vissungos". Trata-se de um desdobramento do projeto (CNPq 303786/2018-3) "Folclore: ciência do concreto? A sensibilidade etnográfica dos folcloristas" orientada pelo professor doutor Gilmar Rocha/UFF.

Inicialmente o projeto de pesquisa demanda analisar a sensibilidade etnográfica dos pesquisadores das culturas populares e folclóricas para com seus objetos através de um levantamento bibliográfico e audiovisual, mais precisamente aplicado nos estudos de

[1] Universidade Federal Fluminense – luaharaouro@id.uff.br

Aires da Mata e os Vissungos, tendo como fonte o seu livro "O negro e o Garimpo em Minas Gerais", originalmente publicado em 1943 pela *Livraria José Olympio*.

Antes, contudo, faz-se necessário uma breve contextualização do campo de estudos folclóricos. O termo *Folk lore* passa a ser utilizado a partir de 1848, proposto por William John Thoms, o qual indicava "saber tradicional do povo". Essa linha de reflexão, aberta com Thoms, ampliou-se em muitos países da Europa e, não demorou para chegar ao Brasil.

É importante pautar que o período no qual o mundo direcionava seu olhar através de uma lente que implicava a preocupação erudita para a conservação do folclore e manutenção das culturas das classes populares e emergentes, o mesmo vivenciava um processo de grande industrialização, e modernização da sociedade, assim, entender e preservar a cultura do povo era uma forma de resistência cultural, e afirmação de padrões nacionalistas. Havia em demasiada a ideia de salvação das culturas populares de acordo com essa condução. Como observa Burke:

> [...] a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer, que o "povo" (o folk) [haja vista que o povo] se converteu num tema de interesse para os intelectuais europeus. Os artesãos e camponeses decerto ficaram surpresos ao ver suas casas invadidas por homens e mulheres com roupas e pronúncias de classe média, que insistiam para que cantassem canções tradicionais ou contassem velhas estórias" (BURKE, 1989: 26)

No Brasil, não foi diferente. O folclore passa a fazer parte do domínio intelectual científico a partir dos anos 20, desde então; enfrenta duras críticas traçadas principalmente ao interesse dos folcloristas em institucionalizar a área. Para defender suas ideias, foram criados movimentos onde estavam presentes aqueles que estudavam e respaldavam a temática. Dentre esses movimentos podemos citar, além da experiência da *Sociedade de Etnografia e Folclore* (1936-1939), projeto de Mário de Andrade à frente da diretoria de cultura de São Paulo, os dois de maior relevância em nossa pesquisa, que foram a *Comissão Nacional do Folclore* (CNFL), de 1947, e a *Campanha em Defesa do Folclore Brasileiro* (CDFB), em 1958. Dentro da CNFL foram concebidas comissões estaduais com o escopo de aprofundar os estudos folclóricos em todo território nacional de acordo com a ideia da orientação regionalista. Nas palavras de Sílvio Romero (1985, p.68 apud VILHENA, 1997: 56) "uma espécie de consciência regional que se contrapõe ao traço centralizador do Estado.".

Aires da Mata Machado Filho ocupou o cargo de presidente da Comissão Mineira de Folclore. Uma das suas obras mais renomadas trata do registro etnográfico dos Vissungos, revelado ao público brasileiro a partir de 1939 através do seu texto publicado pela *Revista do Arquivo Municipal* de São Paulo, e lançado sob o formato de livro no ano de 1943. O autor documentou 65 cantos nos arredores de Diamantina/MG. Seu contato com a manifestação se deu pela sua proximidade com a mesma, por influência local. Aires nasceu e viveu grande parte de sua vida na mesma região onde encontravam-se os detentores dos cantos Vissungos. Sendo ele herdeiro de uma família que dispunha de importantes terras de Garimpo em São João da Chapada, mostrando assim, tamanha adjacência e intimidade com os vissungueiros, notável em sua obra já citada, "O negro e o Garimpo em Minas Gerais":

> "Em 1928, indo em gozo de férias a São João da Chapada, município de Diamantina, chamaram-me a atenção umas cantigas em língua africana ouvidas outrora nos serviços de mineração. Fui ter com um dos conhecedores, meu bom amigo João Tameirão, que, com solicitude, satisfez a minha curiosidade de aprender as cantigas." (MATA MACHADO, 1985: 13)

Vissungos, são expressões orais, cantadas através de dialetos africanos, precedentes das tradições Bantu. São práticas verbais diaspóricas trazidas ao Brasil, mas que mesclam-se com a variedade linguística regional de nosso país. No caso dos cantadores sanjoanenses, os vissungos eram entoados principalmente por ex escravizados. Sua transmissão se dava também de forma oral como meio de comunicação entre si e resistência à opressão imposta em seus cotidianos.

> "São línguas utilizadas pelas populações negras isoladas, constituídas geralmente de descendentes de antigos escravos e, às vezes, de antigos quilombolas. Elas são emblemáticas como núcleos de 'resistência' cultural negro-africana e foram assinaladas em diversas localidades de Minas Gerais. [...] Elas têm em comum o fato de ser uma espécie de código secreto que serve, de preferência, como meio de ocultar as conversas, principalmente em presença de estranhos. É provável que essas línguas tenham exercido essa mesma função no passado a fim de esconder dos senhores as palavras trocadas entre os escravos, sobretudo quando eles planejavam fugas." (BONVINI, 2008: 51)

Cabe destacar que o canto de resistência aparece de forma significativa, em outras manifestações marcadas nas culturas de escravizados e ex-escravizados em solo brasileiro, como no caso do Jongo, gênero musical-poético de ascendência igualmente Bantu, praticado a princípio na localidade do Vale do Paraíba. Muitas das fugas eram planejadas através da verbalização jongueira de difícil interpretação por parte dos

senhores, sendo ele então, extremamente notório para a formação de comunidades quilombolas, assim como os vissungos.

Isto posto, a pesquisa tem por objetivo investigar a trajetória, reflexão, percepção e prática do tangível fazer etnográfico nos estudos folclóricos principalmente do Brasil no período de 1920-1960, e em especial, intelecção sensível que orienta Aires da Mata a registrar e coletar os cantos Vissungos. Em outras palavras, o modo como Aires apreende, sente, registra, interpreta, etnograficamente os cantos vissungos. Para além disso, procura compreender a relação do folclore com as ciências sociais, em suas variações com o campo da antropologia, e suas tentativas de institucionalização. Nessa perspectiva, busca analisar as diferentes concepções do folclore ao longo dos anos, como ele se insere no pensamento coletivo social brasileiro e os seus processos de modificação e renovação.

Movimento Folclórico X Ciências Sociais no Brasil

Como já pontuado, no Brasil os estudos folclóricos ganham maior relevância à partir do ano de 1920, rente a isto, iniciativas que remetem a institucionalização da área são desenvolvidas no cenário brasileiro através movimento folclórico, o qual contava com importantes nomes como Renato Almeida, Manuel Diégues Júnior, Cecília Meireles, Alceu Maynard, Câmara Cascudo, Edson Carneiro, dentre outros. Muitos deles mantinham contato direto com o folclore, mediante trabalho de campo. O movimento trazia consigo a perspectiva de captação dos elementos autênticos e tradicionais da nação que, devido à grande modernização corria risco de desaparecer. Articulando o esforço institucional com a construção nacional.

Em contraposição ao interesse institucional folclórico, temos então críticas pautadas na cientificidade categórica e na razão, protagonizado pelos conflitos existentes entre as ciências sociais e o folclore, tensionando as tentativas da área em institucionalizar-se e estabelecer-se sob uma perspectiva legítima, assim, contribuindo para a marginalização e classificação pejorativa de seus estudos.

Ao passo que diversos estudiosos encaravam o folclore à parte da esfera independente acadêmica, o colocando enquanto objeto de estudo dentro de outras áreas, como ciências sociais, antropologia, linguística, arte ou história. Afinal, como pensava,

Durkheim, estudioso bastante enfatizado para afirmações dessa natureza: "uma ciência só tem razão de existir quando possui por matéria uma ordem de fatos que não é estudada pelas demais ciências." (apud FERNANDES, 1945: 46. apud VILHENA, 1997: 135). Não reconhecendo a autonomia culta folclórica, nessa perspectiva, intelectuais como Florestan Fernandes classificavam o folclore como uma sabedoria que se faz presente na categoria humanística e não científica. O que contribui certamente para o relativo "rebaixamento" da área frente às ciências sociais. Os folcloristas, contrários às afirmações desta índole diante deste cenário, tentaram permanentemente frisar a importância dos seus estudos estarem inseridos em espaços de aprendizados científicos e acadêmicos. Um dos grandes feitos afirmativos de seus pensamentos com relação ao fato folclórico foi a "Carta do Folclore Brasileiro". Segundo Vilhena (1997: 140) "A carta busca ampliar a abrangência da disciplina que pretende regular.". A fim de romper com a visão exclusivamente espiritual do folclore. Segundo Almeida:

> "O folclorista é um homem de ciência, que vai ver e observar, dotado de espírito e sacrifício e de sã humildade, capaz de reconhecer o árduo da tarefa, animado pelo amor ao estudo e ao povo, despojado de vaidades e convencido de que é na análise laboriosa dos fatos e não em pruridos de imaginação que se chega em conhecer a cultura popular. A dificuldade dessa posição vem do fato folclórico não ser ensinado oficialmente, salvo em raras escolas, o que não permitiu formar-se uma mentalidade universitária para nossa ciência, e deixa seu campo aberto a todas as improvisações da rotina empírica." (ALMEIDA, 1974: 269)

Nota-se que, infelizmente, mesmo perante a luta contínua dos folcloristas na busca pela institucionalização tal feito nunca chegou a ser de fato concretizado defronte inúmeras divergências, no campo intelectual bem como no cenário político brasileiro. Todavia todo processo e os feitos protagonizados por eles são considerados demasiadamente importantes tanto para a esfera nacional da época, quanto para se chegar ao entendimento atual sobre as culturas populares e o folclore.

Tais conflitos apresentados, podem ser analisados através da ideia de campo proposto por Bourdieu, onde por meio do poder simbólico, os indivíduos disputam constantemente a hegemonia, reconhecimento, validação, legitimação, distinção, etc. Tal como sugere o autor em sua *"Sociologia da ciência"* (Bourdieu, 1976). Frente a isso é que vemos, e sentimos, muitas vezes dificuldade de se definir (embora a definição busque circunscrever o campo da observação e não a natureza do objeto observado, nos ensina Mauss), a etnografia, em seu lugar em meio as ciências e a cultura.

O lugar da etnografia

À partir do século XIX, a antropologia institucionaliza-se, e passa a ser reconhecida no âmbito científico social. Ocasiona-se mediante a isto, a incorporação dos métodos etnográficos (os quais antes eram vistos alheios a veracidade, e considerados apenas como categoria estratégica) ao domínio antropológico, sendo agora, a figura do pesquisador de campo admitida como elemento considerável diante do registro e descrição de práticas e costumes dos povos para experiência antropológica. Assim, legitimando o fazer etnográfico pela associação entre a intelecção conceitual e a efetividade prática que passam a constituir a antropologia cultural/social.

O exercício etnográfico incumbe a função de imersão sensível na vida cotidiana de seu objeto de estudo, podendo assim realizar uma exposição de saberes alegóricos que constituem a cultura de um povo, suas práticas, costumes, dentre outros pontos que determinam a esfera cultural, social, econômica, religiosa, e epistemológica em que eles se encontram. Isso se dá através da observação participante estabelecida no trabalho de campo do pesquisador. Tal prática está intrinsecamente ligada ao *ethos* do investigador, podendo ainda ser encarada como parte do gênero performativo, revelando por meio de sua pesquisa, parte do seu mecanismo de entrever o mundo. Silva destaca:

> "A antropologia estabeleceu sua identidade como ciência por meio de uma abordagem metodológica na qual a observação participante tornou-se elemento central. Enfatizando, entre outras coisas, a coleta in loco dos dados, alguns pesquisadores, há quase um século, procuraram distinguir a natureza "profissional" do trabalho feito sob estas condições das opiniões "leigas" dos missionários, viajantes, agentes coloniais ou mesmo de alguns especialistas que, embora tivessem escrito longamente sob certos grupos, jamais haviam estado pessoalmente entre eles. A observação participante, definida principalmente pelo antropólogo Bronislaw Malinowski como a convivência íntima e prolongada do pesquisador com os seus "informantes nativos", ao refutar a "antropologia de gabinete", permitiu o estabelecimento de um determinado tipo de relação na qual o antropólogo se colocava como um instrumento de pesquisa, propiciando à antropologia a perspectiva intersticial (o olhar desde dentro) que é sua ferramenta básica, sua marca registrada, desde então." (SILVA, 2000: 13)

O trabalho de investigação de novas culturas, como é posto, passa a distanciar-se da razão exclusiva dos gabinetes e das páginas de livros. Coloca-se então à prova no dia a dia material dos estudiosos o contato direto com os povos investigados. Desta forma, foi preciso, e ainda é, muito cuidado ao estabelecer-se como pesquisador de campo, e

interpenetrar em uma nova forma de dispor a vida e a cultura, que diz respeito ao outro e em que muitas das vezes está fora da realidade factual do pesquisador. Por isso, o mesmo deve estar ciente dos limites e das possibilidades da experiência diante de sua capacidade pessoal de apreender e dialogar com o investigado. Receptivo às perspectivas singulares de encarar o mundo, como sugere Da Matta, transformar o exótico em familiar, e o familiar em exótico, podendo desta forma, no encontro etnográfico, adentrar às singularidades. Segundo Almeida:

> "O coletor precisa ser paciente e cordial com o povo. Porque, se não se interessar pelo o que ele faz, se acham os seus cantos, as suas danças, as suas estórias, os seus bonecos, os seus provérbios e adágios coisas sem importância e até cacetes, então feche o livro, que a sua inclinação de forma alguma se destina ao folclore, que é uma disciplina de amor. É preciso amar o povo, senti-lo na sua vida, que tem importância maior do que parece aos olhos comuns, procurar conhecer seu espírito, seu temperamento e sua atividade como se conhecem as forças da natureza. É preciso compreender o povo e não achar o que faz, feio, ridículo, desprezível, grotesco. Será rudimentar, simples, mas animado por grande penetração de inteligência, de realidade, de beleza, bases da sua formação e cultura." (ALMEIDA, 1965: 18/19)

O registro folclórico

É assumindo a razão etnográfica que os folcloristas desenvolveram a maioria dos seus estudos. Diferindo-se em partes dos padrões antropológicos, a etnografia proposta pelos estudos folclóricos tinha por linha principal o palpável e o sensível, onde muitas vezes apartava-se em maior escala, da razão, se comparado a etnologia praticada por antropólogos.

Estar em contato próximo e registrando as práticas e manifestações folclóricas é compreender os movimentos da vida de um dado grupo, saber experienciar suas condutas sagradas e profanas, vivenciar o tangível que existe em um fato vivo com o máximo de delicadeza e sensibilidade possível.

> "O folclore é um capítulo da ciência do homem. Ele estuda manifestações de ordem espiritual e as da vida material que lhe são correlatadas, dos primitivos e das classes populares das sociedades civilizadas. Tudo que é feito espontaneamente, sem ciência nem regra. São as crendices, os contos, as lendas, as estórias, os cantos, as danças as crenças e as técnicas, coisas fora do campo do aprendizado oficial." (ALMEIDA, 1965: 17)

O folclore engloba em si expressões ligadas a fenômenos sociais que ditam quadros de experiências capazes de moldar o pensamento coletivo de determinada

população, expressões estas, adversas do lugar exclusivo da racionalidade, mas que igualmente, detém saberes e condutas ponderosas na formação da identidade societária.

Todavia, expressados em larga escala sob forma de sistemas simbólicos e tradicionais, representados através da oralidade (não exclusivamente), dos cantos, mitos, ritos dentre outros, onde muitas das vezes ocupa o lugar da experienciação mágica e sacra. Sobre a questão da magia, destaca-se Mauss e Hubert (2003: 61): "Percebe-se que não definimos a magia pela forma de seus ritos, mas pelas condições nas quais eles se produzem e que marcam o lugar que ocupam no conjunto dos hábitos sociais." Sendo assim, têm-se no pensamento folclórico incorporações de convenções mágicas, que dialogam e delineiam de maneira espontânea a realidade cotidiana. A magia não se desvia do dia a dia coletivo, pelo contrário, é um meio de formação do mesmo. No caso dos vissungueiros fica perceptível a presença destes elementos, como elucida Aires da Mata (1985: 56) "[...] A precedência africana predispõe à crença no feitiço e a atmosfera de jogo que envolve a mineração ajuda a formar a mentalidade supersticiosa [daquele povo]."

Paralelamente aos sistemas mágicos e muita das vezes imateriais, surgem as classificações científicas das exteriorizações de vida, as quais mostram-se presentes no pensamento e praxe do homem moderno a partir de uma concepção contemporânea baseada na ordenação sistemática da natureza, e distanciada da intuição sensível. Tendo em vista tal fato, muitos estudiosos propendem a exprimir todo pensamento inclassificável dentro do método científico, como menos genuíno, antecedente e excessivamente primitivo, logo, inferior à ciência.

Devemos levar em conta que, o pensamento folclórico que se compõe de diretrizes que tendem a manifestações de ordem mágicas e de signos, oferecem da mesma forma valores reais e consideráveis. Pensá-los como anteriores à ciência, é realizar uma leitura arcaica e desconsiderar pontos de vistas e realidades distantes da sociedade que não a nossa, contemporânea ocidental.

> "Os mitos e ritos oferecem como valor principal a ser preservado até hoje, de forma residual, modos de observação e de reflexão que foram (e sem dúvida permanecem) exatamente adaptados a descobertas de tipo determinado: as que a natureza autorizava, a partir da organização e da exploração especulativa do mundo sensível em termos sensíveis. Essa ciência do concreto devia ser, por essência, limitada a outros resultados além dos prometidos às ciências exatas e naturais, mas ela não foi menos científica, e seus resultados não foram menos

> reais. Assegurados dez mil anos antes dos outros, são sempre o substrato de nossa civilização." (STRAUSS, 1976: 31)

Aires da Mata e o Registro dos Vissungos

Aires da Mata foi um importante intelectual não só dentro do Movimento Folclórico como para o cenário acadêmico em geral. Nascido em São João da Chapada, distrito de Diamantina, foi doutor em Literatura, Letras e Bibliografia Filológica. Exerceu a profissão de professor universitário, além de outros cargos como de redator e administrador público. Figura marcante e influente no estado de Minas Gerais ocupou a cadeira da direção da Comissão Mineira de Folclore, participou prontamente da Academia Mineira de Letras, Associação Brasileira de Antropologia, Sociedade Brasileira de Filologia, dentre outras.

Por ser um estudioso que transita entre elementos culturais e linguísticos, Aires exerceu papel intermediário dentro dos variados assuntos heterogêneos que abarcam seus estudos. O que é notável à partir da leitura de suas obras.

Seu interesse em coletar os assim chamados cantos Vissungos transcorre não só do entusiasmo relacionado à dimensão acadêmica, como também pelo atrativo de afeição, resistência, e memória que a manifestação representa para o autor. As emoções carregadas e transmitidas por Aires na realização de seu registro, dizem respeito a maneira como percepciona o seu ofício juntamente da relação de pesquisador e pesquisado presente no fazer etnográfico observado nos trabalhos de campo; como vive, e pensa o folclore.

O resultado desta pesquisa é encontrado em seu renomado livro "O Negro e o Garimpo em Minas Gerais" (1943) onde, de certa forma, ele encontra facilidade para realização, por ocupar um lugar de mediação com os guardiões desta sabedoria. Aires, através da obra formaliza uma importante contextualização do local de seu trabalho de campo, apresenta um breve panorama histórico e de conjuntura, além da descrição detalhada relativa ao garimpo (é válido lembrar que a maioria dos cantadores de vissungos ocupavam o lugar de garimpeiros). Do mesmo modo, o livro compõe-se da extensa exposição da cultura presente na vida dos cantadores sanjoanenses, como também das letras de suas canções simultaneamente de um vasto desenvolvimento de suas partituras, dialetos e afins. Assim como o registro da labuta dos mineradores, horários, maneiras

mais fáceis de achar diamante, seus métodos, técnicas, tipos de diamantes, nomenclatura dada às funções no garimpo e ferramentas utilizadas em serviço: "quicaia, labancas, cavadeiras, picaretas, frincheiros, exadas, cacumbus, carumbés, batéias, ralos e peneiros." (MATA MACHADO, 1985: 37)

Quando Aires inicia a sua investigação, por volta de 1930, o cenário nacional pela primeira vez atravessava um momento em que intelectuais alvejam a sua atenção para a figura do homem negro. Como apontado pelo próprio autor, Minas Gerais tinha papel crucial diante desta colocação, por se tratar de um território com abundante população afrodescendente. Segundo Aires (1985: 31) "A lei áurea libertou cerca de 800.000 brasileiros, sendo 230.000 escravos de Minas.".

> "As culturas negras nos terrenos diamantinos dão matéria considerável a pesquisas etnográficas, linguísticas e ainda sociológicas. Não é à toa que a simples colheita de material folclórico abriu caminho a reflexões e achados, rumo a um estudo do elemento negro na mineração, esboço imperfeito com que acenamos à competência dos estudiosos do assunto." (MATA MACHADO, 1985: 31)

Entende-se a vasta variedade linguística e étnica de herança africana que compunha o dia a dia destes povos afrobrasileiros, o que apara para o então notável momento de afirmações que levam em conta a motivação de consolidação da identidade nacional pautada, na época, pela fábula das três raças.

> "Se a definição de identidade brasileira é formulada, via folclore, no plano cultural, seu caráter singular seria também, conforme a 'fábula das três raças' um produto histórico da integração dos estratos étnicos que compuseram a sociedade brasileira." (VILHENA, 1997: 159)

Os Vissungos representam a riqueza dos dialetos e cultura africana cantada, imersa na diversidade cultural territorial em que seus detentores se encontravam em prontidão sob solo brasileiro. Principalmente atrelados a necessidade de trabalhar cantando, eram em muitos dos casos, chamados de cantos de trabalho. De acordo com Aires:

> "Os negros no serviço cantavam o dia inteiro. Tinham cantos especiais para a manhã, o meio dia e a tarde. Mesmo antes do sol nascer, pois em regra começava o serviço alta madrugada, dirigiam-se à lua, em uma cantiga de evidente teor religioso." (MATA MACHADO, 1985: 66)

Destaca-se a seguir um canto da manhã, entoados durante o serviço, presente em seu livro:

Ai! Senhê!

Ai Senhê!

Dô umbanda...

Fura buraquim, Senhê...

"O serviço, como sempre, começou alta madrugada. O cantador pede então à lua, que está brilhando no céu para "furar o buraquinho" do dia". (MATA MACHADO, 1985: 75)

Neste, confirma-se a afirmação do autor quanto ao momento de início do trabalho dos mineradores corresponder à madrugada.

Ao que vem a seguir, é notável o caráter de feição religiosa e mágica:

Ai! Senhê!

Ai! Senhê!

Ô... ô imbanda, combera ti, Senhê

Ô... ô imbanda, combera ti, Senhê

Ai! ê... rê rê...

"O argumento é mais ou menos o mesmo do vissungo precedente, sendo que aqui é também invocada a intervenção do imbanda (sacerdote, feiticeiro)". (MATA MACHADO, 1985: 75)

Os vissungos eram entoados, também, com outras finalidades, como por exemplo em brincadeiras com intuito de multar outro indivíduo, para conduzir defuntos até o cemitério, e afins. Segue a exemplo, respectivamente, cantigas que tenham estes intuitos. Registrados por Aires:

Cantiga de multa:

Otchaviê otchaviê

tuca rira com Jomarê

pra cum Jom maiuê, ê

aiuê, congo verá, á

sarandi di verê

ê... êrerê, ê.

"Os trabalhadores intimidam o visitante a lhes dar alguma coisa - pagar multa". (MATA MACHADO, 1985: 76)

Cantigas de rede (O defunto era conduzido para o cemitério dentro de uma rede, muitas das vezes o percurso era extenso e vissungos eram entoados durante):

Ei congá ererê congá auê

ei congá Maria Gombé

ererê congá

"Cantiga de rede enquanto leva o defunto." (MATA MACHADO, 1985: 79/80)

Para além da linguística, mostra-se perceptível o papel crucial dessa tradição e seus elementos advindos de particularidades africanas, ante a música popular brasileira, a formação de seus ritmos e caracteres genuínos a partir da leitura da obra de Aires, sendo isto, um dos pontos motivadores da transcrição folclórica do autor. Não é à toa que muitas páginas de seu livro são dedicadas às melodias das cantigas. (Página 97 à 116, edição de 1985).

Renato Almeida trás à tona o papel do folclore na formação musical nacional:

> "O folclore nacionalizou as diferentes músicas, não pelo simples aproveitamento temático, mas por terem os músicos procurado interpretar a alma lírica dos povos nas forças criadoras das suas melodias, de eus ritmos, de seus processos peculiares de cantar e harmonizar, nos sons de seus instrumentos típicos, em suma, nessa imensa confluência de valores artísticos que o folclore expressa." (ALMEIDA, 1974: 287)

Para o entendimento de Aires os sentidos coincidem:

> "Nos vissungos os compositores de peças eruditas encontrarão o mais cristalino manancial. Vila-Lobos, Mignone e seus seguidores terão a escolher farta messe de temas autênticos. Pensávamos neles enquanto nos esforçávamos para grafar tais melodias de rara e esquiva cadência." (MATA MACHADO, 1985: 69).

Sendo assim, é notável a motivação quanto a salvação por parte do juízo de Aires da Mata para com seu objeto de registro, com o intuito de enaltecer também o carácter da nação brasileira; afinal, diante da modernização que assolava o cenário da época, juntamente do êxodo rural, já era evidente a diminuição daqueles que conservavam o conhecimento acerca dos Vissungos. Assim, diante do registro sensível, o autor traria sua contribuição à sociedade pela salvação de tais, a fim de preservá-los. "Como se vê, só a salvação dos "vissungos" tem indisfarçável alcance etnográfico. Até os compositores e musicólogos há de interessar a nossa contribuição." (MATA MACHADO, 1985: 15)

Embora o conceito de salvação e sobrevivência esteja vinculado ao pensamento evolucionista, no Brasil é visível a presença de tal, principalmente atrelado a estudos que dizem respeito à cultura afrodescendente. Como é iminente, até então, o conhecimento acerca dos Vissungos mantinha-se tradicionalmente transmitido exclusivamente de forma oral, por se tratar de uma linguagem que trazia consigo além da tradição, segredos a serem

resguardados. É então com Aires que, têm-se, o primeiro registro escrito. Para ele, a manifestação representa o passado desse povo, diante o ofício do garimpo, como também a integralização com o presente; os descendentes daqueles que outrora ocuparam esta posição, tendo criado em seu canto, um acalanto de resistência colonial, onde naqueles tempos possuíam parte da sabedoria dos seus ancestrais. Aires consuma para si a missão salvadora dos dialetos e cantos da população de São João da Chapada e seus arredores, com a ideia da redenção através o registro documentado.

A transmissão oral é característica de múltiplas manifestações folclóricas, por entender que a linguagem abarca um incessante fluxo etnológico, sagrado e cultural de um povo, não sendo apenas a voz de um passado engessado, mas sim, o repasse contínuo que circunscreve transformações de sua realidade diária através dos tempos. Segundo Hampaté-Bâ (1980: 186): "Nas canções rituais e nas fórmulas encantatórias, a fala é portanto, a materialização da cadência.". Podemos perceber tamanho valor virtuoso na tradição oral vissunga, apontado por Mestre Ivo (2011, 3ª faixa, apud ANDRADE, 2013: 55), um dos únicos detentores vivos na atualidade desta manifestação:

> "Eu dizê: Kalunga: é vissungo. Nego: é vissungo. Casa: é vissungo. Eu dizê água: é vissungo. É uma oração. O vissungo pra mim, é pegar um terço e rezar todos os ternos. O vissungo pra mim é o modo de pegar a ladainha de todos os santos e rezar, o vissungo parece coisa que é uma resposta de ofício. Porque tudo que se entrosa ali está dentro da linguagem. E naquela linguagem a gente percebe a todo momento religioso, que está sempre acompanhando, por isso mesmo é um procedimento da tradição... assim, na linguagem a gente saber prosseguir aquilo." (2011, 3ª faixa)

Observa-se que, o vissungo é um modo de ver, pensar, sentir, viver a vida. É a revelação de uma concepção cosmológica do mundo que guarda em si dogmas de um povo. Mesmo diante do empenho etnográfico de Aires não deu-se por revelada integramente as canções, por carregar princípios sacros. Mas que por entender o papel místico ocupado pelos vissungos na vida daqueles que os guardam, o autor registra apenas o que lhe é dito de boa vontade e prezando pelo tempo dos cantadores. Observa-se também a consciência sensível que o toma ao respeitar tais ações:

> "Outro moço, filho de escravo, disse-nos que o pai é que lhe ensinara as cantigas. "Mas nem tudo ele ensinou. Há umas que ele não canta pra ninguém". Daí ressalta o seu caráter místico. Algumas só podem ser ouvidas pelos iniciados. Surpreendem-se termo reveladores de tal caráter, os quais são mostrados a seu tempo." (MATA MACHADO, 1985: 67)

O ato da escrita, por vezes estabelece o papel de fixar e eternizar os dados movimentos das civilizações, constituindo momentos históricos, podendo assim,

qualquer um de nós revisitar um passado inexorável ao momento atual e remontar a tradição com base na erudição. É perceptível que para Aires, registrar os Vissungos, sendo eles parte de uma manifestação pela qual ele mantinha tamanho apreço era de fato uma forma de honrar o lugar de onde ele veio e a forma com que a cultura dessa região se constituiu, preservar a memória local, e catalogar sua variação linguística.

Eminentemente, para o autor, os cantos Vissungos remetem ao lugar da memória afetiva, sendo assim, a salvação desta tradição uma forma de manter vivo referências que fizeram parte de sua vida, e assim, concretizar a manifestação na cena intelectual, e artística brasileira. Logo, entende-se a memória como imenso possibilitador do poder para um povo e seu âmbito social, tendo nela recordado elementos como sofrimento, violência, e resistência, que moldam um pensamento coletivo e a identidade nacional até os dias atuais.

Como nos lembra, Mestre Ivo em seu livro, *Memórias de um Catopê* (2015: 147), infelizmente os Vissungos passaram por um intenso processo de desaparecimento: "Os negros foram parando de cantar, motivo: vendo os mestres indo embora, aqueles que, ainda com poucos conhecimentos, tinham medo de cantar porque os brancos não gostavam, não tinham orgulho de ouvir as músicas." De acordo com Santo:

> "Nesse curioso- apesar de natural - processo de extinção (hoje, sem sombra de dúvida, em seu curso definitivo) enquanto cantos específicos, aparentemente os elementos mais característicos dos vissungos foram se diluindo ao longo do tempo, num processo paralelo ao desaparecimento daqueles modos e meios de produção do regime de trabalho escravo que os motivavam e caracterizavam." (SANTO, 2010: 9)

Tais disposições nos revelam que o trabalho de Aires se fez necessário, a luz de ter em seu registro etnográfico traçadas à partir de sua percepção delicada, importantes reflexões quanto a um tema como esse em um momento de intenso reposicionamento teórico no contexto pós-colonial que, em certa medida, traz de volta a voz daqueles que foram subalternizados historicamente.

Embora o lastro cultural e folclórico não deva se manter preso ao passado, infelizmente algumas manifestações não resistem à modernidade tampouco se reinventam, sendo assim, Aires demonstra grandioso mérito por tocar em um lugar onde, não fosse por ele, talvez, pouco residiria sob a esfera de nosso conhecimento nos dias atuais.

Toda essa reflexão é importante para se pensar o sentido dado a etnografia pelos folcloristas que, como aponta Stocking Jr, fica na fronteira e carrega uma ambiguidade dentre fazer ciência e ser uma artesania, a linha tênue e pouco espaçada entre a razão e a emoção que englobam estas áreas.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Renato. *Manual de coleta folclórica*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1965.
ALMEIDA, Renato. *A inteligência do folclore*. 2º ed. Rio de Janeiro-Ed. Americana; Brasília-INL, 1974.
ANDRADE, Rudá. *Vissungo com angú: Histórias e memórias da produção e consumo de fubá no alto do jequitinhonha.* Dissertação em mestrado social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/12797/1/Ruda%20K%20Andrade.pdf
BONVINI, E. *Línguas africanas e português falado no Brasil*. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M (org.). África no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
BOURDIEU, Pierre. *O campo científico.* In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. Trad. de Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983 b, p.122- 155.
BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*; Europa: 1500 – 1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
DA MATTA, Roberto. *O oficio de etnólogo, ou como ter anthropological blues.* Boletim do Museu Nacional: Antropologia, n. 27, maio de 1978. P.1-12
HAMPÂTÉ-BÂ, Amadou. *A tradição Viva.* In: J. KI-ZERBO (coord.). *História Geral da África I – Metodologia e Pré História da África.* São Paulo: Atica/Unesco, 1980. P 181-218.
LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais.* Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1985.
MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. 2003. *Esboço de uma teoria geral da magia*. In: Marcel Mauss. *Sociologia e Antropologia*. (trad. Paulo Neves) São Paulo: Cosac & Naify, pp. 47-181. [1902-3].
ROCHA, Ivo. *Memórias de um Catopê.* Milho Verde. Sempre-viva Editorial, 2015.
SILVA, Vagner Gonçalves da. *O Antropólogo e sua Magia.* São Paulo, 2000, Editora da Universidade de São Paulo.
SPÍRITO SANTO, *Antônio José do. Na Lapa de Makemba- Vissungos do Tijuco: O translado fantástico da música morta-viva.* Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/35519900/Lapa-de-Makemba-Notas-etnologicas-sobre-uma-viagemmusica-africana-do-Brasil-adentro#scribd, 2010.
VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão - o Movimento Folclórico Brasileiro (1947-1964).* Rio de Janeiro, FGC-FUNARTE, 1997.